



# SUBJETIVIDADES NEGRAS NA REFUNDAÇÃO DO CONHECIMENTO: COMUNIDADES, INTERSECCIONALIDADES E AFROCENTRICIDADES - EDITORIAL

Renata de Melo Rosa<sup>1</sup>

Iraneide Soares da Silva<sup>2</sup>

É com imensa satisfação que publicamos o Vol. 17, N. 45 (set-dez 2025). Trazemos 15 artigos que abordam a descolonização do saber a partir de uma perspectiva antirracista e afrocêntrica em diversas áreas como música, psicologia e educação, destacando a importância das mulheres negras na construção do conhecimento, a partir de sua refundação crítica e interseccional, calcada em experiências comunitárias profundas sob as bases do que Paget Henry classificou como afrofilosofia (Henry, 2000), um modo de sentir e agir ancorado nas experiências ancestrais e voltado para a organização material e simbólica da vida, elementos indissociáveis da vida das pessoas negras. Ao contrário dos conceitos

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela UERJ, Mestra em Sociologia e Antropologia pela UFRJ, Doutora em Antropologia da América Latina e Caribe pela UnB, com pós-doutoramento pelo Institut National d'Administration, Gestion et Hautes Études Internationales da Université D'État D'Haïti. Diretora do Instituto Maria Quitéria. Pesquisadora associada da ABPN e Editora-chefe da Revista da ABPN. E-mail: [rmelerosa@gmail.com](mailto:rmelerosa@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8125-5475>

<sup>2</sup> Doutora em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU; Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará/UFC; Graduada em História. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Piauí/UESPI e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura/UESPI. Coordenadora do SANKOFA - Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Memória da Escravidão e do Pós-Abolição da UESPI. E-mail: [iranegra@gmail.com](mailto:iranegra@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6136-0817>



metafísicos propostos pela construção de uma ideia de razão pura, que marcaram a filosofia ocidental branca, masculina e heteronormativa, nossa afrofilosofia cuida e se alimenta da nossa própria vida, repensada e reorganizada a partir de nosso sentido profundo de existência em um mundo fragmentado, estruturado no centro de múltiplas injustiças interseccionais e opressões instauradas pelo colonialismo, pelo imperialismo, pela misoginia e pelo racismo.

O lugar da subjetividade na construção do conhecimento não é um tema recente. Foi publicizado a partir da tematização do atravessamento das questões raciais no epicentro da implosão da neutralidade, quando, em 1903, W. E. DuBois publicou a brilhante obra *The souls of black folks*<sup>3</sup>. DuBois amplificou as dimensões da realidade a que os povos negros estão submetidos no “mundo dos brancos”, o estado de hipervigilância no qual fomos forjados pelo colonialismo e pela racialização das relações de trabalho. Sua obra abriu espaço para que a subjetividade ganhasse uma dimensão importante a partir de um lugar sofisticado na análise da realidade. Mediante a barreira ideológica europeia de não reconhecer a raça como organizadora do Estado e das relações de trabalho, DuBois teve suas ideias reorganizadas no texto de grande repercussão de Max Weber intitulado “A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais<sup>4</sup>” e também na construção de seus “tipos ideias”, por meio dos quais Weber menciona que os valores de quem pesquisa influenciam na formação das teorias. O que para Weber foi um grande esforço intelectual, para DuBois era algo óbvio: sentir-se, no mínimo, duplo, dissociado, alterado, rompido e em busca de sua própria refundação de mundo: essa foi a agência de um intelectual negro forjado no século XIX em uma sociedade absolutamente racista como a dos Estados Unidos.

---

<sup>3</sup> DuBois, W.E.B. *The Souls of Black Folks*. Chicago: AC McClurg & Co., 1903. Disponível em: <https://files.libcom.org/files/DuBois.pdf>

<sup>4</sup>

<https://csociais.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/max-weber-a-objetividade-do-conhecimento-nas-ciencias-sociais.pdf>



Por isso, devemos celebrar o nosso pioneirismo na construção do conhecimento, nossas aberturas de portas cognitivas para a sofisticação teórica. Apesar de todas as espoliações e expropriações intelectuais, morais, territoriais, culturais, sociais e subjetivas, hoje podemos publicar uma edição completamente alinhada ao que um dos nossos já havia consolidado, do ponto de vista analítico, e tido a felicidade de publicar há mais de 122 anos. Nossas existências e, mais que isso, o nosso pensar sobre elas, foi a gênese da reflexão crítica da modernidade, da racionalidade e de inúmeros debates que questionavam o seu lugar dentro das epistemologias.

O tema explodiu a noção de ciência positivista e suas alegadas objetividades e abriu caminhos para a consolidação de epistemologias críticas, antirracistas e contracoloniais. No entanto, ainda temos um extenso caminho de investigação a ser enfrentado para a consolidação do campo metodológico de pesquisas antirracistas. A estrutura acadêmica ocidental, com sua cuidadosa seletividade histórica, contribuiu para apagar figuras negras. Ressaltamos que a própria autobiografia de DuBois e sua experiência de vida são centrais para sua teorização, o que contraria a sociologia formal positivista que prega a objetividade e a anulação das trajetórias pessoais na construção do conhecimento<sup>5</sup>, em particular, de pessoas negras.

Destacamos portanto, nesta Edição, a importância de posturas afrocêntricas na construção do conhecimento. O afrocentrismo pode ser entendido como o conjunto de conhecimentos produzidos por pessoas auto-identificadas como negras que publicizaram a sua subjetividade e contribuíram para o estudo das diversas interpretações sobre a experiência da comunidade negra. A transformação da subjetividade negra em conhecimento faz parte de uma corrente intelectual denominada *négritude*, surgida no Caribe e estimulada por autores como Jean Price-Mars (1928), Aimé Césaire (1935,1948, 1955, 1987), Léopold Senghor (1956),

---

<sup>5</sup> Ver SANTOS, Silvio M. A. Sociologia de Du Bois, Modernidade Racializada e Agência. Blog da SBS. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/sociologia-de-du-bois-modernidade-racializada-e-agencia/>



Frantz Fanon (1952, 2005) e sequenciada por C.L.R. James (1969), René Depestre (1980), Laennec Hurbon (1987, 1988), Patrick Chamoiseau (1990), Jean Casimir (2004, 2006, 2009), Paget Henry (2000), dentre outros. Nos Estados Unidos, as obras de James Baldwin (1976), James McBride (1998), Ralph Ellison (1980) e Anthony Appiah (1997), dentre dezenas de outros autores.

No entanto, o que queremos destacar nesta Edição é a discursividade e o protagonismo das mulheres auto identificadas como negras. Refiro-me à Titina Silá, guerrilheira assassinada grávida na luta anticolonial de Guiné Bissau (URDANG, 1975), Carolina de Jesus (1960), Lélia Gonzalez (1982, 1983, 1988, 2020), Angela Davis (1981), bel hooks (2019), Patricia Collins (2021), Beatriz Nascimento (2021), Helena do Sul (1987, 1994, 2002), Luiza Bairros (1995), Sueli Carneiro (2006) e dezenas de escritoras identificadas com o feminismo negro, as quais formam a base estrutural das manifestações feministas afrocêntricas. A visibilidade da subjetividade negra nas ciências sociais se insere em uma luta política de primeira grandeza que disputa as ferramentas analíticas da construção do conhecimento por meio de uma postura interseccional que aprofunda os mais sensíveis níveis da experiência humana.

De uma forma não exaustiva, a publicização do pensamento afrocêntrico das mulheres negras tem início no final dos anos 40 do século XX e se estende até os dias de hoje. No Brasil, o romance de Carolina de Jesus *Quarto de Despejo*, escrito na década de 50, retrata com bastante precisão a subjetividade das mulheres negras. Carolina se vê forçada a construir uma subjetividade a partir dos fatores históricos brasileiros que associaram a cor de sua pele e a sua condição feminina à condição de extrema miséria, corroborando a ideia de que a afrofilosofia está presa a um cenário concreto com condições materiais definidas, o que a obriga a dar respostas políticas e não hipotéticas, mas uma contra-narrativa de resistência e re-existência.



Apesar do nosso reconhecimento público da geniliidade de grandes homens negros pensadores: além de DuBois como um dos fundadores da Sociologia, ao lado de Max Weber, podemos citar Jean Price-Mars como pai a Antropologia afrofilosófica e antiocidental, e Jean Jacques Dessalines como o precursor da união de pessoas escravizadas da América na formação de um Império Negro no Caribe, em 1804, inaugurando uma luta revolucionária universal e sem fronteiras do antiracismo e contracolonialismo, bem antes do *18 Brumário*<sup>6</sup> e do *Manifesto da Partido Comunista*<sup>7</sup>, foram as mulheres negras que completaram a marcha da refundação do conhecimento. Nenhuma revolução mereceria este rótulo sem nós.

A ascensão das mulheres negras na superação do sexismo e seu lugar na construção do conhecimento foi crucial para alavancarmos as dimensões das realidades atravessadas e opressoras das mulheres negras que não têm outra alternativa a não a de regurgitar o colonialismo, o racismo e a misoginia para transformá-la em prática pedagógica e reserva intelectual e teórica do tempo futuro. Vale a pena destacar que os dois volumes da obra *Histórias entrelaçadas de mulheres afrodiáspóricas*, das organizadoras Thais Alves Marinho e Rosinalda Corrêa da Silva Simoni (2025) que biografam a história das mulheres negras “a partir de mãos de outras mulheres negras (...) Uma agência hábil em entender como agir frente aos contextos adversos e opressivos. Uma agência que aciona os dispositivos educacionais, religiosos, culturais e ancestrais na constituição de uma história que se inscreve nos corpos-vida das mulheres negras<sup>8</sup>”

Dividimos a nossa Edição em três abordagens: uma relacionada à crítica epistemológica e à necessidade de refundação do conhecimento, outra relacionada à análise das e a última voltada às perspectivas de mudança na formação docente

---

<sup>6</sup> Ver <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/brumario.pdf>

<sup>7</sup> Ver <https://www.pcp.pt/publica/edicoes/25501144/manifes.pdf>

<sup>8</sup>Texto de Nubia Regina Moreira disponível em: <https://www.editoramale.com.br/product-page/dicion%C3%A1rio-biogr%C3%A1fico-hist%C3%B3rias-entrel%C3%A7adas-de-mulheres-afrodi%C3%A1sp%C3%B3ricas>



para que o movimento de adoção de cotas raciais seja acompanhado de uma mudança estrutural nas práticas das universidades brasileiras.

Iniciamos a nossa Edição com o artigo "Regurgitar o colonialismo e negociar o racismo cotidiano: suportes entre Laura Perls e Grada Kilomba na psicoterapia com pessoas negras", de autoria de Geovana Beatriz Albuquerque Rocha Santos, da Universidade Federal da Bahia; Cláudia de Oliveira Alves, da Universidade de Brasília e Lorena Schalken de Andrade, da Universidade da Amazônia. Trata-se de um ensaio teórico que estabelece um diálogo entre Grada Kilomba e Laura Perls para apontar possíveis caminhos de compreensão e manejo das experiências de pessoas negras no Brasil, a partir de uma perspectiva *gestáltica* na psicoterapia. Aborda a clínica psicológica como um espaço político, herdeiro de um passado colonial e escravocrata, considerando as dimensões "dentro-fora" do espaço psicoterapêutico. O texto expõe a negociação do racismo relacionando-a com o "regurgitar dos falsos sonhos de uma branquitude introjetada", recorrendo à epistemologia *gestáltica* para propor o fortalecimento e amplificação das funções de contato e suporte como recursos para negociar o racismo cotidiano e sugere percursos psicoterapêuticos no manejo do racismo que visam facilitar a expressão do que foi experienciado para gerar recursos para contextos racistas posteriores, focando na *awareness* da função *Id* e na mobilização corpórea. O estudo ressalta a necessidade de um espaço epistemológico enraizado no território brasileiro, a importância da interseccionalidade (raça, classe, gênero, etc.) na *práxis* clínica e o fomento à potência protetiva do aquilombamento (como fator terapêutico coadjuvante).

Em seguida, o artigo "Mapeando o pensamento decolonial na comunicação organizacional: uma revisão de escopo baseada no método prisma", de autoria de Josenildes Santos de Oliveira, Eudaldo Francisco dos Santos Filho e Francisco José Aragão Pedroza Cunha, da Universidade é um texto que trata do mapeamento sistemático da investigação sobre comunicação organizacional e decolonialidade,



com o objetivo de identificar lacunas no conhecimento para subsidiar propostas de aprofundamento de pesquisa. Utiliza o método Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR). Os artigos analisados demonstram um movimento que critica as premissas eurocêntricas e propõe abordagens inclusivas e sensíveis à diversidade cultural. Há um campo crescente de pesquisa para apontar as contribuições das premissas decoloniais para a construção de um processo de comunicação organizacional inclusivo, representativo e eficiente. Conclui que a comunicação organizacional historicamente tem sido compreendida a partir de uma perspectiva hegemônica, predominantemente europeia ou norte-americana, que desconsidera saberes e práticas de outros povos e culturas. O pensamento decolonial surge como uma abordagem crítica para analisar e questionar as estruturas de poder, dominação e colonialismo, buscando desafiar formas persistentes de colonialismo, incluindo hierarquias sociais, econômicas e culturais. A decolonialidade na comunicação organizacional busca expandir as perspectivas teóricas e metodológicas, desafiando abordagens tradicionais e eurocêntricas, e promover práticas comunicacionais mais plurais, críticas e comprometidas com a transformação social. O cruzamento entre comunicação organizacional e pensamento decolonial tem sido pouco explorado no campo acadêmico, indicando uma lacuna na produção científica.

O artigo intitulado “Insubordinações (Matemáticas Pretas, Matemáticas no feminino)”, escrito por Isabel Cafezeiro e Leonardo Cruz da Costa, desenvolve uma crítica à matemática hegemônica, propondo o reconhecimento de outras epistemologias matemáticas enraizadas nas experiências de mulheres, pessoas negras e grupos historicamente marginalizados, baseia-se nas literaturas teórico-decoloniais, feministas e pós-estruturalistas para criticar a matemática positivista, posicionada como uma produção masculina, branca, binária, colonialista e racista, e historicamente configurada como a única forma de saber matemático. O



foco é reconhecer possibilidades de epistemologias matemáticas por meio da arte, da cultura popular e de práticas contra-hegemônicas, como a Ciência Nômade, herdada do Norte da África (matemática negra), que opera diretamente com problemas e demandas da vida. Exclusão de Gênero: A matemática hegemônica configura um "campo de aridez e impossibilidades para mulheres" e só louva as poucas mulheres que reproduzem a lógica masculina. A escrita formal é descrita como "masculina" por ser arrogante, incontestável e não permitir questionamentos sobre si própria. A ideia proposta de Matemática no Feminino ressalta os Saberes Situados e Corporificados também é concebida como essa ciência nômade que não esconde seus vínculos com o cotidiano e com a vida das pessoas (em grande parte, mulheres historicamente confinadas ao espaço doméstico). As propostas de insubordinação e Contramatemática informam que não existem ideias universais, e a matemática hegemônica, ao se pretender universal através da abstração, comete uma impostura. O ensaio conclui que o desafio é reconhecer a matemática das mulheres, dos pretos e pretas, dos indígenas e quilombolas, e conspirar por uma matemática subversiva que atenda às demandas locais.

Em seguida, o artigo "Encruzanálise: notas sobre uma clínica Exuística", de autoria de Deivison Warlla Miranda e Antônio Vladimir Félix-Silva, ambos da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, é um ensaio que propõe uma clínica nomeada como Encruzanálise, vista como uma aposta em uma abordagem exuística. A ideia central do texto é apresentar uma crítica à psicologia hegemônica por operar a partir de uma matriz eurocêntrica, que reproduz processos de colonização das subjetividades, mesmo se considerando progressista e ancorada nos direitos humanos. Essa crítica é substantiada pedindo *agô* à Exu, concebido no texto como Intercessor que dinamiza forças e encarna saberes e fazeres de contracolônização das subjetividades, historicamente analisadas sob um prisma de pensamento monológico, eurocêntrico e eu-cêntrico. As encruzilhadas de Exu são o mote epistêmico, ético e metodológico para construir uma clínica atenta às





dimensões de intercessão, dos cruzos, da co-produção e da diferença. A proposta visa permitir uma análise mais ampla, ancorada nas multiplicidades dos encontros de caminhos, e co-criar pluralizações de caminhos, saídas e invenção de possíveis. A Encruzanálise é uma aposta para "matar a clínica colonizada-colonizadora ontem, com uma pedra que só lançamos hoje".

Nesta mesma esteira de reflexão crítica, o artigo "A prática psi como encruzilhada ao devir negro", de autoria de Jefferson Olivatto da Silva, da Universidade Estadual de Londrina e Rafaella Massuia Vaz, da Universidade Estadual de Campinas, se debruça sobre o lugar psicossocial do homem negro brasileiro, examinando a relação entre a reprodução de "imagens de controle" e a produção de sofrimento psíquico, e propõe a prática clínica como um espaço de questionamento e humanização. Argumenta que a prática psicológica no Brasil deve adotar uma postura ético-política e interdisciplinar, considerando a questão étnico-racial como central. O objetivo é mapear como as imagens de controle sobre homens negros ecoam na clínica, gerando uma sintomatologia específica, e pensar a clínica como uma "encruzilhada" com potencial para abrir caminhos humanizantes para a existência negra. A análise é baseada na perspectiva processual de produção da subjetividade, considerando marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero, sexualidade) e os efeitos da colonialidade.

Já o texto "Juventudes Negras Hiperconectadas: resistência epistêmica e pedagógicas insurgentes no espaço digital" analisa como as juventudes negras desafiam os regimes de exclusão algorítmica e produzem estratégias de resistência epistêmica no espaço digital. Baseado em teorias decoloniais e estudos afrodiaspóricos, o artigo demonstra a persistência de mecanismos de invisibilização racializada, mas também a força de iniciativas como *ciberquilombos* e mídias negras independentes na criação de ecologias alternativas de saber e visibilidade, concluindo que a era digital, ao mesmo tempo em que reproduz assimetrias,



também propõe novos paradigmas tecnossociais ancorados em justiça cognitiva e ancestralidade.

Na Seção “Subjetividades Negras na Interseccionalidade”, abrimos com o texto intitulado “Um Ofício de fé e coragem: a atuação das parteiras tradicionais na Vila de Joana Peres”, de autoria de Domingos do Carmo Ferreira Ribeiro e Luciana Gonçalves de Carvalho, ambos da Universidade Federal do Pará. O texto aborda a atuação das parteiras tradicionais na comunidade quilombola Vila de Joana Peres, em Baião (PA) e dá visibilidade às trajetórias e contribuições de duas parteiras para a vida comunitária da Vila de Joana Peres, localizada na margem esquerda do Rio Tocantins, no município de Baião, Pará. Por meio de pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas realizadas em 2022 e 2023, o artigo evidencia que as parteiras fazem muito mais que partos, executando um ofício inspirado na solidariedade e fundamentado em refinados conhecimentos tradicionais. Elas mantêm vivas culturas locais, resistindo ao sistema excludente e racista que desqualifica práticas ancestrais de saúde. O artigo também discute a marginalização histórica das parteiras no Brasil, a medicalização do parto e a recente revalorização e patrimonialização de seus saberes e práticas pelo Iphan. Além disso, fornece um panorama sobre o acesso à saúde na Vila de Joana Peres, onde a carência de serviços biomédicos e a dimensão afetiva do trabalho das parteiras explicam a persistência do ofício.

O artigo intitulado “Narrativas de mulheres negras periféricas brasileiras acerca dos atravessamentos das opressões interseccionais em seus cotidianos: um estudo qualitativo”, de autoria de Erickson Franklin dos Santos Miranda, Carla Regina Silva (ambos da UFSCAR) e Luciana Assis Costa (UFMG) tem como objetivo principal compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social. As narrativas das participantes revelam a influência de questões raciais, de gênero e de classe em suas vidas, marcadas por violências e apagamentos, e como o projeto colonial de



embranquecimento as afasta do autorreconhecimento, gerando experiências alienantes. Dois temas centrais emergiram da análise: os Cenários das Opressões Interseccionais, os Cenários das Identidades, por meio dos quais a construção da identidade é marcada por violências da lógica dominante branca, levando a rupturas na subjetividade e a um processo alienante, a través do qual Ser negra e buscar um espaço social exige adequação às expectativas brancas, resultando em fragmentação identitária, mediante experiências de desumanização e demandas por embranquecimento, tornando-se urgente a consolidação de atos políticos de resistências e desobediências contra as lógicas coloniais da branquitude. Em especial, o texto aponta para os inúmeros episódios de naturalização do racismo e a Colonização do Cotidiano: que silencia o povo negro e produz efeitos de negação das próprias vivências de racismo, aponta para a naturalização dos cenários de Violência Sexual, por um lado e Cenários de Cuidado e da Família, por outros, mediante o qual o cuidado é identificado como um cenário de racismo cotidiano, por onde a ordem colonial reforça os estereótipos de "mãe preta forte" ou "trabalhadora doméstica zelosa".

O texto "Mulheres do Quarto: sobre viver no hospital com filho cronicamente adoecido e os atravessamentos de classe, raça e gênero", de autoria de Kátia Maria Oliveira de Souza e Paula Gaudenzi, da Fundação Oswaldo Cruz/RJ, explora a percepção de mães negras sobre práticas discriminatórias vividas em um hospital pediátrico no qual permanecem com seus filhos cronicamente adoecidos. Trata-se de um estudo qualitativo que adota a Escrivência como abordagem metodológica, possibilitando uma análise interseccional crítica das dimensões de raça, gênero, classe e outras formas de opressão. A pesquisa constata que o racismo institucional atua de forma silenciosa e contínua nos espaços de cuidado, afetando a saúde mental dessas mulheres. Os achados reforçam a urgência de ações educativas antirracistas e de práticas mais sensíveis à diversidade presente na população usuária do SUS (Sistema Único de Saúde), apontando para a



necessidade urgente de letramento racial para profissionais de saúde e implementar intervenções para criar um ambiente seguro para as cuidadoras.

Para encerrar esta seção, publicamos o artigo “Musicalidad Afrocolombiana: cuadros vivos y mujeres que resignifican saberes y experiencias”, de autoria de Liliana Parra-Valencia, da Universidad de Nariño; Tatiana Velásquez, Brayan Martínez e Camila Rodríguez, da Universidad Cooperativa de Colombia. O texto abre espaço para o debate afrodiaspórico no Sul Global e aborda a musicalidade afro-colombiana, com foco particular no gênero *bullerengue*, e no papel central das mulheres na preservação e ressignificação dos saberes e experiências ancestrais. A pesquisa conecta música, gênero e a diáspora africana na Colômbia, apresentando-se como um campo de estudo crítico e descolonial. As musicalidades e modos de vida afrodiaspóricos foram marginalizados, negados e instrumentalizados pela colonização, o branqueamento e as crenças judaico-cristãs. Vistas de forma negativa (incultas, imorais e perigosas) e excluídas da educação musical formal, que se limitava à música europeia, mais recentemente, a música afrodiaspórica sofre com a espetacularização e comercialização, o que ameaça a participação comunitária espontânea e enfraquece o sentido identitário.

A última seção trata tanto das lacunas na formação docente quando o assunto é a obediência à Lei 10.639, vigente há 23 anos, como das dificuldades no enfrentamento do racismo institucional na acolhida de pessoas cotistas. O artigo “Letramento Racial e Formação de Professoras da Educação Infantil”, de autoria de Andreia dos Santos Gomes Vieira, analisa a formação de professoras da Educação Infantil em relação ao letramento racial, com foco em escolas de periferias urbanas do Distrito Federal. Os resultados indicam que a formação teórica e prática é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as relações étnico-raciais. Contudo, a falta de letramento racial crítico limita a abordagem de questões complexas.



O texto "Formação antirracista pela perspectiva (auto)biográfica: um estudo de revisão" é um exercício de revisão bibliográfica, cujo objetivo da revisão é dar visibilidade a trabalhos do campo da Educação Musical que tematizem abordagens antirracistas para a formação docente em uma perspectiva (auto)biográfica para reforçar a discussão e a necessidade de repensar a formação docente na área, buscando desconstruir práticas epistemicidas e propor uma educação musical ampla, democrática, pluriracial e igualitária.

O artigo intitulado "A Lei 10.639/2003: um projeto decolonial do conhecimento", escrito por Inaldo Bata Rodrigues e Carlos Benedito Rodrigues da Silva, argumenta que a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica, é o resultado de um longo processo de luta do movimento negro organizado por uma educação brasileira antirracista. Os autores a concebem como um projeto decolonial do conhecimento, pois insere no sistema educacional "uma história outra", rompendo com o padrão hegemônico eurocêntrico. Enfatiza que o movimento negro, emergente no início do século XX, lutou por direitos sociais, políticos e igualdade para a comunidade afro-brasileira, pressionando o Estado por políticas públicas. Trata-se de uma prática decolonial, que busca inserir a história africana como essencial para a (re)construção de uma história nacional, combatendo o ensino não eurocentrado desde as primeiras décadas do século XX. O ensaio conclui que o movimento negro, ao defender outras vias de conhecimento em crítica ao modelo padrão, inseriu a temática africana e afro-brasileira como um processo de descolonização do saber e do poder.

O artigo "Educação das/nas/para as Relações Étnico-raciais na formação inicial de professoras/es no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas", de autoria de Ana Kerolaine Burlamaqui - Secretária Municipal de Educação de Manaus, Amazonas; José Vicente de Souza Aguiar, da Universidade do



Estado do Amazonas e Kelly Almeida de Oliveira, da Universidade Federal do Maranhão é resultado de uma revisão sistemática da literatura que buscou analisar o trabalho com a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na formação inicial docente em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Aponta que falta de preparo ou familiaridade dos professores para ministrar as disciplinas, salienta a ausência de docentes titulares, sendo o componente ministrado por profissionais temporários, o que reflete o baixo comprometimento das IES com o tema e uma forte resistência a mudanças curriculares. O silenciamento no currículo e nas práticas pedagógicas contribui para a perpetuação de conhecimentos eurocêntricos. Como possibilidades as/os autoras e autor sugerem a inserção da disciplina ERER nos currículos e ampliação da carga horária, transversalidade e interdisciplinaridade na abordagem dos conteúdos antirracistas, realização de eventos, projetos de pesquisa, grupos de estudos e vivência acadêmica e uma mudança estrutural dos cursos à luz das políticas de ações afirmativas.

Por fim, a reflexão do texto “Um concerto de vontades: a dimensão política do arranjo institucional para a implementação de cotas para estudantes negros no Colégio Pedro II” tem como objetivo analisar o processo de (re)formulação da política de cotas para estudantes negros na Educação Básica. O artigo utiliza a literatura sobre implementação de políticas públicas e a teoria dos jogos para examinar as interações entre os atores políticos no CPII. A conclusão principal aponta para a relevância das arenas formais e do papel de tensionamento exercido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/CPII) e da liderança funcional de atores como os pró-reitores. Este processo é definido pelos autores como um “concerto de vontades” na busca pelo alinhamento de aspectos políticos e técnicos às pautas antirracistas.

**REFERÊNCIAS:**

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de Meu Pai: A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BAIROS, Luiza. "Nossos feminismos revisitados". Florianópolis/SC: *Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995.
- BALDWIN, James. *Numa Terra Estranha*. Rio de Janeiro: Editora Círculo do Livro, 1976.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1865](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1865)
- \_\_\_\_\_. *Diário Íntimo*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2078](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2078).
- CARNEIRO, Sueli. *A cor do Preconceito*. São Paulo: Ática, 2006.
- CASIMIR, Jean. *Haïti et ses élites: l'interminable dialogue de Sourds*. Port-au-Prince: Édition de l'Université d'Etat d'Haïti, 2009.
- \_\_\_\_\_. *La culture opprimée*. Port-au-Prince: Media-Texte/Fokal, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Pa Blye 1804*. Port-au-Prince : Imprimerie Lakay, 2004.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- CÉSAIRE, Aimé. *Conscience raciale et révolution sociale*. L'Étudiant Noir: journal mensuel de l'association des étudiants martiniquais en France, mai-juin, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Esclavage et colonisation*. Paris: Presses universitaires de France, 1948.
- \_\_\_\_\_. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Éditions Réclame, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Discours sur la négritude*. Paris: Présence africaine, 1987.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidades*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIAANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1990.
- CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. *Construindo o (auto) exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos (1968-1981)*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de pós-graduação em Sociologia da USP, 2011.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEPESTRE, René. *Bonjour et adieu à la négritude*. Paris: Robert Laffont, 1980.
- DuBois, W.E.B. *The Souls of Black Folks*. Chicago: AC McClurg & Co., 1903.





- ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1980.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora; Ed. UFJF, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Peau Noire, masques Blancs*. Paris: Edition Seuil, 1952.
- GONZÁLEZ, Lélia. "Mulher Negra, essa Quilombola" - originalmente publicado na Folha de S. Paulo, em 22 de novembro de 1981 e republicado em 2020 na obra de RIOS, Flávia.; LIMA, Márcia. (Org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- \_\_\_\_\_. "A Mulher Negra na Sociedade Brasileira". In: *O Lugar da Mulher; Estudos sobre a Condição Feminina na Sociedade Atual*. LUZ, Madel T. (org.). Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira". In: *Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e outros Estudos*. Brasília SILVA, Luiz Antônio Machado et al., ANPOCS, 1983.
- \_\_\_\_\_. "As Amefricanas do Brasil e sua Militância". In. *Maioria Falante*. (7): 5, maio/jun. 1988.
- \_\_\_\_\_. "Por um Feminismo Afrolatinoamericano". In. *Revista Isis Internacional*. (8), out. 1988.
- \_\_\_\_\_. "A Importância da Organização da Mulher Negra no Processo de Transformação Social". In. *Raça e Classe*. (5): 2, nov./dez. 1988.
- \_\_\_\_\_. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 49-64.
- HENRY, PAGET. *Caliban 's Reason: Introducing Afro-Caribbean Philosophy*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2000.
- HOETINK, Harry. *Santo Domingo y el Caribe: ensayos sobre historia y sociedad*. Santo Domingo: Fundación Cultural Dominicana, 1994.
- hooks, bell. *E eu, não sou uma mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019
- HURBON, Laënnec. *Le barbare imaginaire*. Paris: Cerf, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Comprendre Haïti: Essai sur l'Etat, la nation, la culture*. Port-au-Prince : 1987.
- JAMES, C.L.R. *Os jacobinos Negros*. São Paulo: Editora Boitempo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A History of Pan-African Revolt*. Oakland, CA: P.M. Press, 2012.
- JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diários de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2004.
- MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti: 1811-1818*. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps, 1988.
- MARINHO, Thais Alves; SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. *Dicionário biográfico Histórias entrelaçadas de mulheres afrodiaspóricas*, Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Malé, 2025.
- MAURÍCIO, Adriano. *Medo do Assalto: A Democracia Racial em Questão no Ônibus Público na Cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS, UFRJ, 1997.
- McBRIDE, James. *A Cor da Água*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1998.





NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. "Sou escravo de oficiais da Marinha": a grande revolta da marujada negra por direitos no período pós-abolição (Rio de Janeiro, 1880-1910). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 36, nº 72, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'oncle: essais d'ethnographie (1928)*. Santo Domingo: Ed. Manatí, 2000.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil - A história do levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Sônia Maria Beatriz. "Feminismo Negro Diásporico". *Revista Gênero*. Niterói, Vol 8, No. 1, 2007, pp. 11-26.

SENGHOR, Léopold Sédar. *Chants d'ombre suivi de Hosties noires*. Paris: Éditions du Seuil, 1956.

SILVEIRA, Maria Helena. *É Fogo*. Porto Alegre: Grupo Editorial Rainha Ginga, 1987.

\_\_\_\_\_. *Negrada*. Porto Alegre: Grupo Editorial Rainha Ginga, 1994.

\_\_\_\_\_. *As Filhas da Lavadeira*. Porto Alegre: Grupo Editorial Rainha Ginga, 2002.

VALENS, Keja L. *Desire between Women in Caribbean Literature*. New Caribbean Studies, 2013.

Weber, Max. *A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais (1904)*. São Paulo: Ática, 2008.